

A dialética do corpo em análise

11

Arnaldo Dominguez*

“Ver algo a captar propriamente com o olhar aquilo que se vê são duas coisas diferentes”.

Heidegger - O princípio da razão

Este corpo que me significa através do que fala e por intermédio do que faz, pensa e registra das sensações que o habitam.

Este corpo que fez, fala e pensa: sente. E se expressa percorrendo os caminhos que conduzem ao gozo-suposto. Pois uma parte deste corpo, o quer. Enquanto outra presente de algum modo sua impossibilidade.

* O autor é médico formado em 1979 pela Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, residente no Brasil desde 1932, fez especialização em Pneumologia, Eletrocardiografia, Geriatria e Gerontologia, Gerontologia Social, Medicina Psicossomática, Sexualidade Humana e Psicanálise, com leituras, supervisão e análise, segundo as teorias de Freud e Lacan. Atualmente é coordenador do Núcleo de Estudos das Relações de Gênero nas Minorias Sexuais, na Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana. Este núcleo faz parte do projeto: *Etcetera e Tal...* que inclui grupos de homoerotismo e psicanálise, grupos de reflexão sobre homoerotismo e grupos e militância dentro do Movimento Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis.

Este corpo desejan-te que se constitui nas imagens das percepções oriundas do íntimo e do extímo: trata-se de um corpo histérico, obsessivo, fóbico, perverso, hipocondríaco a concêntrico a um núcleo psicótico.

Este corpo que é normal quando se sociabiliza ao reconhecer o outro com seu corpo desejan-te, psicotiza quando funde-se apaixonado no memento impreciso em que um brilho ilumina-lhe o ponto de fascinação.¹

Então este corpo se estremece e se perde das razões que lhe davam sustento como tal, e precipitasse em instantes ao reencontro como que está perdido para sempre. E no mesmo memento intensamente a ameaça da perda reaparece e perante tal perspectiva, este corpo se defende, resiste e sofre.

Sofre pois revela-se a incompletude. Revela-se na pele que se transforma envelhecendo conforme a pressa da pós-modernidade.

E o corpo sai correndo atrás da imagem como o cachorro o faz do próprio rabo.

E dói. Na matéria e na alma, sendo que raramente sabe-se distinguir a procedência da dor. E duando insuportável, leva-o ao médico ou ao analista para que “eu” lhes pergunte: afinal, quem sou?

Como se eles soubessem!

Este corpo erotizado, apaixonado, examinado, analisado, finalmente se depara com o luta da irremediável perda.

E assim começa o inquerito do corpo. Que sai à caça de respostas.

Só que se nesta ocasião (como em outras), alguém lhe dá respostas, instala um problema. Pois então o “certifica”, oficializa a patenteia com um nome que o despacha à busca da “identidade”. Quando não o trata para “deixar de ser” e passar a ser aquilo que é “o melhor”.

O melhor para quem?

Ora, para o Outro. Mas, que Outro?

Um Outro que sabe. Um Mestre!

O analista ou o médico? Bom, se porventura algum analista pensa que sabe o que é “o melhor” para seu cliente, parece-me que estará tentando dominá-lo para que se torne “normal” mediante a “submissão”.

O que transforma o analista em sádico construtor de Eu-cracias evolutivas da libido em busca do “bem supremo platônico ou aristotélico”. Uma espécie de legislador das terapêuticas normatizantes.

Não, isso é perversa! O discurso do analista é exatamente o oposto.

1. A fascinação é uma experiência limite porque se produz no limite do imaginário. O Eu já não é eu porque lhe faltam as imagens em que ele se reconhece. Todo o mundo imaginário desaparece. Não há mais reconhecimento. E no entanto, simultaneamente, o eu é mais eu do que nunca porque se dá e se mostra em sua essência radical de ser ele, essencialmente, uma imagem sexual, um falo imaginário. É aí que somos fascinados, e é aí que ficamos engeguccidos. E é nessas condições que ficamos engeguccidos. E é nessas condições que surge o olhar.

É o da escuta que olha as palavras deste “corpo-analisando” que desprende-se da biologia, cindido entre a forma e o conteúdo, entre o discurso da poesia retórica e a verdade da ciência. Entre a beleza da vida e o real do buraco negro que angustia.

O analista recria as condições para que o corpo possa assim descobrir que já não mais se significa. O significado lhe escapa.

Logo, as fardas que o corpo ostenta, de repente o fazem sentir-se “travestido como uma Drag-Queen qualquer. E o eu já não é mais o eu.

Surge a dúvida cartesiana diante do retorno transexual a nossa androgimía embrionária.

A metade perdida dos amantes de Aristófanes, perdesse na sombra de Jung. E o hífen que separa o sagrado do profano se perfura, assomando-se no orifício um resquício “perverso-polimorfo”.

Tal resquício denuncia a mentira da aparência do que sou.

E voltasse ao cachorro e a seu rabo. Com uma diferença. O cachorro não tem a menor idéia a este respeito. Ele simplesmente sabe.

Este “meu corpo”, não. Portanto, se pôs a falar na tentativa de nomear o objeto-gozo-suposto. Mas quando chega perto, prestes a tocá-lo, deparasse com a ruptura objetal do hífen.

E o corpo percebe o engano que o impulsionava a ser hermafrodita. Compreendo que o hermafroditismo nunca pode ser “verdadeiro”. E a perda secundária o retorna ao luto original.

O corpo que acreditava que na análise iria se recompor... está totalmente fragmentado, transformado, sob esta ótica, em “Minorias Sexuais”.

Vocês perguntarão: E o que sobra’?

Pois eu lhes digo: sobra o gozo do corpo que é o gozar da vida. Se for como sujeito do ato, do desejo e do prazer já é muitíssimo.

Sobra um corpo imaginário que se libertou dos sintomas neuróticos ou da atuação psicossomática. Entendendo por tal, aquela realidade enquistada no órgão com grande insensatez. E assim adquire um sentido simbólico ganhando idéias novas para resignificar-se.

Incorporada a separação, o acasalamento deste corpo não será mais a fusão de dois seres idênticos, como no mergulho de Narciso no lago.

A língua que sem palavra era morta, põe-se a falar, respeitando agora as regras de linguagem. Mas após ter construído uma nova ética da enunciação. Uma ética abrangente que desfaz o engano do ser que era: a

2. Olhar-se no espelho é descobrir a mentira do corpo em relação a imagem. Esse que vejo no espelho não sou Eu. O Eu é um ser sexual”. J. Lacan.

3. “O objeto é fundamentalmente o outro corpo cujo encontro atualiza ou torna sensível a dimensão essencial da separação”. J. Lacan.

falta de ser. E a seguir, a libido atravessa o borde corporal, se descorporificando ao separar-se do corpo poderoso (falo). Desligando-se do aspecto psicossomático que simbolizava o Desejo Materno. Como assim?

Bom, todos os sintomas incluindo os das sexualidades, são metáforas de uma verdade impossível de ser dita para o outro (mãe) que exige uma resposta para ter preenchido o seu vazio de ser. Claro que uma resposta eleva o corpo à condição de objeto do desejo do outro (de mamãe) e o narcisismo, ao extremo. Isto é o falo. Espera-se que o sujeito da linguagem, desalienado após ter endereçado seu sintoma para a análise, se encaminhe em direção a angústia original, o ponto de partida da neurose. Podendo agora, encontrar novas e mais eficazes saídas.

E as arcaicas identidades de homem ou mulher desvanecer-se-ão pelo próprio efeito do discurso, recuperando o corpo, a identidade de ser sexuado.

Heterossexual ou homossexual passam a ser, de tal sorte, apenas categorias sócio-políticas que reivindicam seus direitos humanos.

E o Eu, um ser sexual. Melhor preparado para aceitar a recusa à separação dos corpos, que levava a alucinação de ser um só corpo, uma só psique. Um hermafrodita.

A construção estética da libido estará reconstruída na ética de saber o objeto perdido para sempre.

FRAGMENTOS DE UM DISCURSO AMOROSO

Negociações sexuais nas experiências homoeróticas da vertente masculina.

Pesquisa qualitativa

Descreva, com a menor censura possível, o conteúdo de suas fantasias eróticas e, por outro lado, de suas práticas sexuais, incluindo como nelas se dá a negociação do tipo de prazer (ativo/passivo; penetrado/penetrador, etc.).

(Identifique-se apenas colocando a idade, escolaridade e formação religiosa. Solicita-se o favor de utilizar letra legível e enviar para o endereço acima).

Roland Barthes, em seu “Fragmentos de um discurso amoroso”, perguntava-se:

“Eis um grande enigma do qual nunca terei solução. Por que desejo esse”? Por que o desejo por tanto tempo, languidamente?

É ele inteiro que desejo (uma silhueta, uma forma, uma aparência)? Ou é apenas uma parte de seu corpo'? E nesse caso, o que nesse corpo amado, tem tendência de fetiche em mim? Que porção, talvez incrivelmente pequena, que acidente?

“A alma é uma coleção de belos quadros adormecidos”. diz Rubem Alves, “os seus rostos envolvidos pela sombra. Sua beleza é triste e nostálgica porque, sendo moradores da alma, sonhos, eles não existem no lado de fora.

Veza por outra, defrontamo-nos com um rosto (ou sera apenas uma voz, ou uma maneira de olhar, ou um jeito da mão...) que sem razões, faz a bela cena acordar. E sornos possuídos pela certeza de que este rosto que os olhos contemplam, é o mesmo que, no quadro, está escondido pela sombra. O corpo estremece. Está apaixonado”.

Para ocupar-me do corpo apaixonado situado dentro das “Minorias Sexuais”, fiz um recorte com fins pragmáticos, isolando como objeto de estudo o significante constituído pelos homens que amam outros homens, que representam grande parte da minha clientela. Trabalhei também num debate do Grupo Pela Vida, de São Paulo e numa reunião do Grupo Arco íris, do Rio de Janeiro.

Distribuí questionários contendo a pergunta citada. para cuja elaboração inspirei-me num amigo de vários anos atrás, com quem costumava sair nos finais de semana, ambos solteiros, à procura de amor.

No percurso até a boate de moda (que já não existe mais: a Corintho), ele exprimia o desejo de conhecer um homem másculo, viril, rude, etc- algo assim como um “macho-masculino”, supunha eu.

O meu amigo imaginava entregar-se a este homem, sendo para ele uma espécie de “mulher-submissa”. Entretanto, o que mais despertava-me a curiosidade era o fato de, quando ele conquistava finalmente algum rapaz, este representara invariavelmente, o estereótipo oposto. Meus insignificantes conhecimentos de psicanálise da época não me permitiam compreender a dinâmica que envolvia-se nesta atitude. Psicologismos aparte, percebia, isto sim, os preconceitos que aprisionavam meu amigo e que lhe impossibilitavam de sustentar um vínculo afetivo duradouro, ao envergonhar-se dos parceiros habituais, por serem negros, pobres, etc., mas e, fundamentalmente, “desmunhecados”, sendo isto o que denunciava ao público o homoerotismo de ambos.

Quando Serge André questiona “O que realmente pode querer dizer ‘ser homem’ e não ser em relação à mulher’?” e logo depois afirma “(...) para o homossexual a virilidade não se define em relação à mulher. mas em relação à morte e a lei”, ou quando Gerard Pommier refere: “(...) é como se o vínculo homossexual masculino - que nasce na dependência de um poder paterno inominável e angustiante - tivesse que permanecer associado a uma

certa forma de repressão, ou por ser preciso sofrê-la ou por ser preciso exercê-la. Assim, a homossexualidade masculina ocupa um lugar desviante desde a aurora de nossa civilização (...)", e acrescenta que a forma de ligação homossexual só começou a se exercer a partir do advento do monoteísmo. E até quando Ser e Leclair escreve: "Para o homossexual masculino cujo objeto é o pênis, sua identidade contestada, surgida em circunstâncias diversas, parece referir-se ao pai, ou mais precisamente ainda, a seu nome: "Não é ele". A nossa "reconstrução" corresponde a eleição do objeto-pênis, como substituto do "nome do pai" e sustentáculo do desejo. De maneira mais oeral ainda aparece claramente que, nas evoluções ditas normais, a determinação do objeto sexual participa desse processo. Assim para o homem, a atração eletiva por certo tipo de corpo feminino implica sempre, mais ou menos, um: "Não é ela minha mãe", como modo de reconhecimento da relação incestuosa, da mesma maneira que, para uma mulher, o homem como objeto sexual resulta, sem dúvida, de um: "Não é ele meu pai".

Todos parecem, além de, mais uma vez, esquecer a Lésbica, excluindo-a, concordar com a idéia de um terceiro sexo, ou, que seja, de um terceiro gênero, determinado a partir das relações objetais, como se tais fossem, efetivamente, constitutivas da identidade do sujeito, sem levar em consideração as vicissitudes da sexualidade humana ou, a possibilidade desta identidade, construir-se como defesa sexual contra a sexualidade, que é aquilo que aparece ao levantarmos o tapete metafórico do consultório.

Em definitiva, o que quer um homossexual masculino?

Bom. Como considero que homossexual é um verbo, um ato, e não um adjetivo, voltamos a velha questão freudiana, a respeito da mulher.

Se fosse um adjetivo qualificativo do indivíduo, custa pouco perguntar. Com tal propósito (e sem grandes entusiasmos, a não ser o de brincar de pesquisador), foi exatamente o que fiz.

E obtive as seguintes respostas: (selecionadas e resumidas)

"No primeiro encontro não gosto que haja penetração".

"Será que é preciso negociar o prazer".

"O importante é estar trepando com alguém que tenha pau".

"Minha prática é limitada".

"Sou ativo e passivo. Eu prefiro penetrar primeiro e depois que me penetrem. Mas posso reconsiderar".

"Dou mais valor ao afeto".

"Imponho regras de quase assepsia".

"Gosto de um homem bem limpo e discreto".

Observe que as fantasias não são levadas à prática. Dois medos diferentes surgem como interdito. Primeiro, o de se quebrar o encantamento e a magia: segundo o de sofrer violências, chantagens, humilhações, doenças, etc.

No entanto, é muito comum a excitação aparecer vinculada a situações de perigo. Trens, metrô, ônibus, igrejas, salas de aula, elevadores, etc.

Há uma constante de objeto. Homens de “verdade”, fortes, dominadores, super-heróis, senhores da situação, sodomizam, dão tapas, mordem, amarram. São soldados, militares, jogadores de futebol, que os tratam como “mulher”. Embora esclareçam que não é bem “mulher”. É mais bem, um homem “feminino” o submetido, escravizado, etc.

Um jogo de dominação-sedução, do tipo “senhor-escravo”. Voyeurismos, acessórios eróticos e pitadas de violência nas fantasias, contrastam com dúvidas e frustrações na prática. E algumas surpresas provocadas pelos parceiros que os levam a questionar a existência do tal “homem de verdade” tornando-se necessário continuar a fantasiá-lo quando se está com o parceiro da realidade.

Outra constante é a busca do “companheiro ideal”, estável, que faça desnecessária qualquer negociação, conversação desgastante ou todo malabarismo destinado a combater a solidão. Mas a frustração “vêm galopante”, pois tal parceiro parece “impossível”.

Gostariam de amá-lo e de ser amados.

A frustração da impossibilidade provoca angústia e esta levou-os ao analista.

Sim. As respostas que obtive vieram de meus clientes.

Apenas dois formulários preenchidos foram enviados pelo correio paulista. Nada do Rio de Janeiro. Além do que, desconfio, que as cartas sejam também de clientes.

Será que o processo de análise ajudou-os a tratar do assunto com maior espontaneidade ou aqueles mais espontâneos é que procuraram um “terapeuta”?

Logo, entra em jogo o vínculo transferencial, portanto vejo-me obrigado a questionar: Estas enunciações além de impregnadas pelos discursos que antecedem ao nascimento do ser, terão sofrido, ainda, a influência do analista?

Como não tenho a resposta, digo, só para concluir, e dar lugar ao debate, que os homens que amam homens, buscam, ao igual que os outros, um objeto ideal. No entanto, muitos conseguem, após várias frustrações, construir vínculos que, utilizando a nomenclatura psicanalítica, funcionam como *substitutivos*. E criam o amor.

Muitos outros, pegam carona nos preconceitos sociais para justificar a inércia, elevando, assim, o preconceito, ao *status* de um Grande Outro que conduz, invariavelmente, a insatisfação (não quero significar que a discriminação não seja um fato. “Triste época - disse Albert Einstein, 1879- 1955 - é mais fácil desintegrar um átomo que um preconceito”).

Todavia, outros tantos permanecem alienados ao IDEAL e sucumbem, invariavelmente à desilusão.

*“Não quero rosas, desde que haja rosas -
 escreve Fernando Pessoa - quero-as-só quando não as possa haver
 que hei de fazer das coisas
 que qualquer mão pode colher?
 Não quero a noite senão quando a aurora
 a fez em ouro e azul se diluir
 o que a minha alma ignora
 é isso que quero possuir
 Para que ?... se o soubesse, não faria
 versos para dizer que inda o não sei.
 Tenho a alma pobre e fria...
 Ah, com que esmola a aquecerei?”*

O que parece-me mais relevante de destacar, neste pequeno ensaio, diz respeito a castração. Um dos conceitos fundamentais da psicanálise.

À satisfação da fantasia interpõe-se um interdito. Que se não for simbolizado, aparecerá de modo concreto, representado por preconceitos, violência, culpa, chantagem, perigo. Aids, morte, etc.

O desejo tentará ultrapassar esta barreira, pois o “do-outro-lado” é atraente, principalmente porque lá, no Real, existe o “petit-a”. Este super-homem do corpo-pênis-falo - pai imaginário - cuja visão especular faz possível amar a si mesmo como um “eu sexual” através do olhar (escopofilia), e que ao submeter sexualmente, injeta a “porra da virilidade”, permitindo roubar o “néctar hormonal” que deve ter (ou ser).

Como fazem de maneira ritualística certos grupos étnicos, onde os jovens chupam os adultos e engolem o esperma, a que se atribui poderes sagrados).

Na nossa cultura - e em tempos de Aids - isto nos é proibido. Há um interdito, que em princípio, angustia. Pois implica em ter que se renunciar a busca da plena satisfação.

Entendo os quadros clínicos como os modos possíveis de se lidar com a impossibilidade de gozo, diria que os neuróticos desistem amargamente e sofrem, pois acreditam que vencendo o impedimento imposto por um “monstro imaginário”, atingiriam-no. Mas foram privados de tal possibilidade por estas ameaças imensas colocadas no outro associadas a defeitos colocados em si próprios.

Os perversos insistem em alcançá-lo. Mas para isto devem pular para o lado de lá, e o fazem pois não encontram o primeiro significante que os situe, e então deparam-se com o forcluído que retorna como um limite cruel e muitas vezes, mortal.

Finalmente, os sujeitos castrados, renunciam ao admitir que o lado de lá é a “terra do nunca”. Deste modo conseguem Gozar da Vida e escolher conscientemente a melhor maneira de se viver. Isto é, a possibilidade de se construir o próprio caminho libidinal desalienados do desejo materno. Ao dizer de Antonio Machado:

*“Caminhante, são teus passos
O caminho. E nada mais.
Caminhante, não há caminho.
Se faz caminho no andar
Ao andar se faz caminho,
E ao voltar a vista atrás.
Se vêem as pisadas que nunca,
se não de voltar a pisar
Caminhante, não há caminho,
há só espuma no mar”.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. LECLAIRE, Serge: *Psicanalisar*. Debates de psicologia. 2ª edição, 1986, Ed. Perspectiva.
2. NASIO, Juan-David: *O olhar- em psicanálise*. Transmissão da psicanálise. 1995. Jorge Zahar Editor.
3. AUTORES VÁRIOS: *Arriscado*. Coletânea de textos de psicanálise. Ano V, nº 5, 1989. Escola de Psicanálise de Niterói.
4. ANDRÉ, Serge: *A impostura perversa*. Campo Freudiano no Brasil. 1995. Jorge Zahar Editor.
5. CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine: *Ética e estética da perversão*. 1991, Ed. Artes Médicas.
6. LAMANNO, Vera Lúcia C.: *Repetição e transformação da vida conjugal*. A psicotrapa do casal. 1994. Summus Ed.
7. NASIO, J. D.: *A histeria*. Teoria e clínica psicanalítica - Transmissão da psicanálise. 1991. Jorge Zahar Editor.
8. NASIO, J. D.: *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. 1995, Jorge Zahar Editor.
9. PALACIOS, Susana Amalia: *A ética do desejo*. Seminários, 1991, Relume Dumará.
10. POMMIER, Gérard: *A ordem sexual*. Perversão, desejo e gozo. 1992, Jorge Zahar Editor.
11. REALE, G. e ANTISERI, D.: *História da filosofia*. © Transcrição livre. 1991. Ed. Paulinas.